

PECADOS DA LÍNGUA

Durante o tempo que temos nos dedicado a ministrar esse estudo, sempre alguém me pergunta: “Sobre o que você está falando?” Quando menciono pecados “intocáveis” ou “aceitáveis”, invariavelmente a pessoa revira os olhos e responde: “Ah, coisas como a fofoca, imagino”. Parece que esse é o primeiro pecado cristão que vem à mente, o que nos leva a concluir que se trata de uma prática predominante entre nós, que continuamos a tolerar em nossas vidas.

No entanto, por mais difundida que seja a prática da fofoca, ela está longe de ser o único pecado da língua.

Nessa categoria, devemos também incluir a mentira, a difamação, as críticas (mesmo quando verdadeiras), as palavras grosseiras, os insultos, o sarcasmo e a zombaria.

Na verdade, temos de afirmar que qualquer conversa que humilhe alguém — seja a pessoa de quem ou com quem estamos falando — é pecado da língua.

A Bíblia está repleta de advertências contra os pecados da língua. Só o livro de Provérbios contém cerca de sessenta dessas advertências. Jesus avisou que prestaremos conta de cada palavra inútil que proferirmos (Mt 12.36).

E não nos esqueçamos do conhecido texto de Tiago 3, que fala sobre os efeitos maléficos da língua. Tiago iguala esses efeitos a um pequeno fogo que incendeia uma floresta inteira, e a um membro que contamina todo o corpo.

O versículo, porém, que mais tem me ajudado a lidar com os pecados da língua é Efésios 4.29.

Esse versículo é uma aplicação do ensino “despir/revestir” que Paulo apresenta em Efésios 4.22-24. O apóstolo ensina que devemos nos despir dos traços malignos da velha criatura e, ao mesmo tempo, nos revestir prontamente dos traços benignos da nova criatura gerada em Cristo.

Ao examinarmos Efésios 4.29, observamos que não devemos permitir que nenhuma conversa corrupta saia de nossa boca. Essa conversa não se limita a palavrões e obscenidades. Inclui todos os tipos de conversas negativas que mencionei anteriormente. Note a proibição absoluta de Paulo. Nada de palavra destruidora. Nenhuma sequer. Isso significa nada de fofoca, nada de sarcasmo, nada de críticas, nada de palavras grosseiras. Todas essas conversas malignas que geralmente destroem outra pessoa têm de estar fora de nossas conversas. Imagine como seria a igreja de Cristo se todos nós praticássemos esse ensino de Paulo.

Ao estudarmos os pecados da língua, vamos começar por aquele que vem primeiro à nossa mente: fofoca. **Fofocar** é espalhar comentários desfavoráveis sobre alguém,

mesmo que sejam verdadeiros. Mas geralmente a fofoca é baseada em rumores, o que torna o pecado ainda pior. Parece que fofocar alimenta nosso ego pecador, especialmente quando o comentário que passamos adiante é negativo. Ou seja, falar do “defeito” do outro nos faz sentir melhores.

Em algumas ocasiões, revestimos a fofoca de santidade: “Só estou falando isso porque quero suas orações.” Se descobrimos algo negativo sobre alguém, devemos orar pela situação, mas nunca espalhar a conversa nociva.

Além de dizer que tipo de conversa temos de abandonar, Efésios 4.29 nos ensina sobre o que conversar. Devemos conversar apenas sobre o que edifica e dá graça aos que ouvem. Assim, quando formos tentados a fofocar, temos de nos perguntar: O que vou dizer irá destruir ou edificar a pessoa sobre quem falarei?

Bem próximo ao pecado da fofoca encontramos o pecado da **difamação**. Difamar é dizer falsidades ou distorções que prejudicam a reputação de alguém. As campanhas políticas, por exemplo, são notórias por difamarem oponentes.

Um candidato atribui ao adversário uma postura baseada em afirmações fora de contexto ou em fato isolado acontecido há muito tempo. Afirmações desse gênero têm o objetivo claro de criar uma imagem falsa, de destruir a reputação do outro.

Será que os cristãos caluniam? Claro que sim. Caluniamos ao atribuir motivações erradas a alguém, mesmo sendo incapazes de ver seus corações ou de saber de suas circunstâncias em particular. Caluniamos ao afirmar que o outro “não é um cristão de verdade”, porque ele não segue as mesmas orientações espirituais que nós ou não pratica as mesmas atividades que praticamos. Caluniamos ao distorcer a posição de alguém sobre um assunto sem antes saber o que ele pensa de verdade. Caluniamos ao dar proporção exagerada ao pecado de alguém, fazendo com que a pessoa pareça mais pecadora do que realmente é.

Geralmente a fofoca é motivada pelo desejo de parecer melhor do que o outro. No mundo dos negócios, isso é chamado de “esfaquear pelas costas” ou “puxar o tapete.” Os cristãos agem assim muitas vezes. Membros de organizações cristãs e igrejas também procuram levar vantagem por meio da calúnia.

Caluniar é, na verdade, mentir. Claro que existem outras formas de mentir. Geralmente entendemos a mentira como uma afirmação falsa, e provavelmente a maioria de nós evita esse tipo de conversa. No entanto, mentimos quando exageramos, quando não dizemos toda a verdade ou quando proferimos uma “mentirinha branca” — uma mentira que achamos que não vai ter consequência alguma.

Não importa a forma, a mentira revela a intenção de enganar.

Um bom teste a ser feito é nos perguntarmos: “Isto é verdade?”

Criticar é fazer comentários negativos que talvez sejam verdadeiros, mas não precisam ser ditos. Por exemplo: “Ele passa o dia inteiro na frente da televisão” ou “Ela não vai

bem nos estudos”. Antes de fazer comentários assim, devemos nos perguntar:

O que vou dizer é agradável? É necessário? Precisa mesmo ser dito?

Não pecamos somente em nossas conversas sobre os outros, mas também quando conversamos com os outros. Esse tipo de conversa maldosa inclui palavras ásperas, sarcasmo, insultos e desdém. O denominador comum em todas essas formas de conversa nociva é a nossa busca por destruir, humilhar ou magoar a outra pessoa.

É uma conversa resultante de impaciência ou raiva. Jesus disse: “A boca fala do que o coração está cheio” (Mt 12.34). Isso significa que, embora falemos dos pecados da língua, o problema verdadeiro está em nosso coração.

Por trás de toda fofoca, calúnia, críticas, insultos e sarcasmo, existe um coração pecador. A língua não passa de um instrumento que revela o que vai no coração.

Já faz alguns anos que venho aplicando Efésios 4.29 às minhas conversas. Sei que falho algumas vezes, mas, pelo menos, esse é o padrão, ou alvo, que desejo alcançar. Certa noite, abri a boca para falar mal de um ex-colega à minha esposa, e então me lembrei de Efésios 4.29 e, como dizemos, “mordi a língua”. Até a manhã seguinte, fiquei muito feliz com meu autocontrole. Durante o tempo a sós com Deus, lembrei do incidente da noite anterior, e um pensamento me assaltou: “Mas você pensou em falar, não pensou?” Parei na hora. Entendi que precisava guardar não somente a língua, mas o que havia de mais importante: precisava guardar o coração.

Davi orou: “As palavras da minha boca e a meditação do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, minha rocha e meu redentor!” (Sl 19.14). Davi não estava preocupado apenas com suas palavras, mas também com os pensamentos de seu coração. Aprendi a orar da mesma forma. Ainda uso Efésios 4.29 como diretriz, mas agora busco aplicá-lo tanto aos meus pensamentos como às minhas conversas. Gostaria que nenhum pensamento destruidor saísse do meu coração, mas somente aqueles que edifiquem as pessoas que me ouvem.

Se realmente quisermos nos revestir da nova criatura feita à imagem de Deus na verdadeira justiça e santidade, teremos de usar Efésios 4.29 como um de nossos princípios norteadores.

Reflita por alguns minutos neste estudo e nas conversas que você normalmente tem com os outros. Você fofoca ou critica as pessoas, ou mostra-se impaciente ou enfurecido por meio de palavras grosseiras que humilham ou magoam quem é o alvo dessa raiva toda? Melhor ainda, pergunte isso a seus amigos ou a seu cônjuge, se você for casado, ou a um filho mais velho. Lembre-se que estamos falando de pecado real. O gênero de conversa que discutimos neste estudo talvez seja aceitável aos nossos olhos, mas não é aceitável aos olhos de Deus. É realmente pecado.